

**OUVIR A CRIANÇA: UMA REFLEXÃO SOBRE PESQUISA E ENSINO NA
PRODUÇÃO ACADÊMICA**

***ESCUCHAR AL NIÑO: UNA REFLEXIÓN SOBRE LA INVESTIGACIÓN Y LA
ENSEÑANZA EN LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA***

***LISTEN TO THE CHILD: A REFLECTION ON RESEARCH AND TEACHING IN
ACADEMIC PRODUCTION***



Jairo Luis Fleck FALCÃO¹
e-mail: jairofalcao@unemat.br

Como referenciar este artigo:

FALCÃO, J. L. F. Ouvir a criança: Uma reflexão sobre pesquisa e ensino na produção acadêmica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 19, n. 00, e024095, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riabee.v19i00.18411>



- | Submetido em: 26/09/2023
- | Revisões requeridas em: 17/01/2024
- | Aprovado em: 19/03/2024
- | Publicado em: 20/07/2024

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Juara – MT – Brasil, Doutor em História pela UNISINOS, Professor dos Cursos de Pedagogia e Administração da Universidade do Estado de Mato Grosso –UNEMAT, Câmpus de Juara, Professor do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História –ProfHistória da UNEMAT, Câmpus de Cáceres e do Programa de Pós-Graduação.

RESUMO: Este artigo objetiva refletir sobre ouvir a criança nas ações de ensino e pesquisa sobre infância, caracterizar os conceitos de culturas infantis e cultura de pares na produção acadêmica publicada entre os anos de 2015 e 2020 e compreender as potencialidades de pesquisas com crianças para o ensino na Educação Infantil e Ensino Fundamental. A Educação na Infância tem maior êxito quando a criança é protagonista da ação educativa. Um estudo Qualitativo, Interpretativista, Estado da Arte dos estudos sobre infância, tendo como descritores culturas Infantis e culturas de Pares, com buscas na plataforma Periódicos CAPES. A partir da leitura dos resumos foram selecionados trinta e sete artigos e por meio da Análise de Conteúdo, organizados cinco categorias de análise. Como resultados destaca-se a necessidade do(a) professor(a) ser pesquisador(a) das suas práticas pedagógicas e das situações que experiencia na escola, de saber ouvir a crianças no cotidiano da sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e infância. Pesquisar criança. Culturas infantis. Cultura de pares.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la escucha de los niños en la enseñanza y la investigación sobre la infancia, caracterizando los conceptos de cultura infantil y cultura de pares en la producción académica publicada entre 2015 y 2020 y comprendiendo el potencial de la investigación con niños para la enseñanza en Educación Infantil y Educación Fundamental. La Educación Infantil tiene mayor éxito cuando el niño es el protagonista de la acción educativa. Estudio cualitativo, interpretativo y de última generación de los estudios sobre la infancia, utilizando como descriptores Culturas infantiles y Culturas de pares, con búsquedas en la plataforma de Periódicos CAPES. A partir de la lectura de los resúmenes se seleccionaron treinta y siete artículos y, a través del Análisis de Contenido, se organizaron cinco categorías de análisis. Los resultados resaltan la necesidad de que los docentes sean investigadores de sus prácticas pedagógicas y de las situaciones que viven en la escuela, para saber escuchar a los niños en su vida cotidiana en el aula.

PALABRAS CLAVE: Educación e infancia. Investigar niños. Culturas infantiles. Cultura de pares.

ABSTRACT: This article aims to reflect on listening to children in teaching and research on childhood, characterizing the concepts of children's cultures and peer culture in academic production published between 2015 and 2020 and understanding the potential of research with children for teaching in Early Childhood Education and Elementary Education. Early Childhood Education is most successful when the child is the protagonist of the educational action. A Qualitative, Interpretative, State of the Art study of childhood studies, using Children's cultures and Peer cultures as descriptors, with searches on the CAPES Periodicals platform. From reading the abstracts, thirty-seven articles were selected and, through Content Analysis, five categories of analysis were organized. The results highlight the need for teachers to be researchers of their pedagogical practices and the situations they experience at school, to know how to listen to children in their daily classroom.

KEYWORDS: Education and childhood. Search child. Children's cultures. Peer culture.

Introdução

Sapato 36

Eu calço é 37 / Meu pai me dá 36 / Dói, mas no dia seguinte / Aperto meu pé
outra vez / Eu aperto meu pé outra vez
Pai eu já tô crescidinho / Pague prá ver, que eu aposto / Vou escolher meu
sapato / E andar do jeito que eu gosto / E andar do jeito que eu gosto
Por que cargas d'águas / Você acha que tem o direito / De afogar tudo aquilo
que eu / Sinto em meu peito
Você só vai ter o respeito que quer / Na realidade / No dia em que você souber
respeitar / A minha vontade
Meu pai / Meu pai
Pai já tô indo-me embora / Quero partir sem brigar / Pois eu já escolhi meu
sapato / Que não vai mais me apertar / Que não vai mais me apertar / Que não
vai mais me apertar
Por que cargas d'águas / Você acha que tem o direito /
De afogar tudo aquilo... (Raul Seixas; Cláudio Roberto, 1977).

Este texto surgiu a partir das discussões realizadas no âmbito da disciplina de Metodologia da Pesquisa no Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil ofertado pela UNEMAT, Câmpus de Juara. Retomado posteriormente com a leitura do livro “Educação em Tempos de COVID-19: Reflexões e Narrativas de pais e professores”, organizado pela profa. Dra. Dinamara Pereira Machado (2020), que compõe 22 textos de diversos professores do Centro Universitário Uninter. Na ocasião, destacou-se a necessidade de discussões e reflexões sobre a Educação na Infância, sobretudo o papel das crianças dentro desse processo. Ao pensar que ninguém educa ninguém, que não existe educação sem o interesse do educando e que educação é um conjunto de ações pensadas de forma intencional, a partir de um planejamento e que todas as ações do(a) professor/educador(a) são ações políticas (Freire, 2018), tem-se a preocupação em integrar os(as) educandos(as) à compreensão do processo de participação na construção do conhecimento.

A partir da leitura do Livro Infância de Ramos (1995), que é uma narrativa sobre a infância do autor na primeira metade do século XX, questiona-se sobre a infância ao longo da história e como algumas discussões sobre educação na infância contemplam a necessidade de refletir sobre ouvir as crianças nos espaços e ambientes próprios de casa, nas creches e nas escolas de educação infantil e ensino fundamental, a partir das análises de autores da Sociologia da Infância, Educação e Infância e História da Infância, como Ariès (1981), nos trabalhos sobre Educação Infantil e Jogos e Brincadeiras de Kishimoto (2001) e Brougère (2006).

Viveu-se um momento em que muitas crianças precisaram ficar em casa, pela necessidade do distanciamento em função da pandemia do COVID-19. Esse processo de distanciamento tem modificado a percepção da escola e do professor por parte da sociedade.

Ficam as perguntas: como as crianças compreendem a escola? Que papel a escola tem no cotidiano da criança? E como as crianças, em seus espaços, compreendem este momento? O que as crianças pensam sobre a pandemia do COVID-19? Quais as preocupações? O que pensam sobre o distanciamento e as necessidades de prevenção? São questões que não serão respondidas no âmbito desse trabalho, mas que são elementos iniciais para uma reflexão sobre a importância de ouvir as crianças e suas concepções sobre a sua vida e existência. Logo, nos questionamos: Quais reflexões podem ser feitas sobre o ato de ouvir a criança nas atividades de ensino e pesquisa sobre infância e as ações que envolvem a própria criança? O que caracteriza os conceitos de Culturas infantis, Cultura de pares, Educação e infância e pesquisas com crianças?

O objetivo geral dessa pesquisa é refletir sobre o ato de ouvir a criança nas ações de ensino e pesquisa sobre infância e mais especificamente, caracterizar os conceitos de Culturas Infantis, Cultura de Pares, Educação e Infância e Pesquisa com Crianças na produção acadêmica publicadas entre os anos de 2015 e 2020, na base de dados Periódicos CAPES e compreender as potencialidades das pesquisas com crianças para as ações de ensino na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

No intuito de responder as questões e os objetivos da pesquisa, pretende-se fundamentar na Abordagem Qualitativa, conforme Gil (2008), embasada nos pressupostos da Pesquisa Interpretativista, tendo como prática de pesquisa a concepção de Professor Pesquisador tal qual Bortoni-Ricardo (2008), que valoriza a ação do professor em sala de aula e também as reflexões como elemento próprio da formação continuada, segundo André (1986) e Pimenta (2005) e como técnica a busca e análise de textos em bases de dados, contemplando um estudo do Estado da Arte, tal qual preconizam Romanowski e Ens (2006, p. 41). Portanto, pretende-se dispor alguns conceitos utilizados atualmente na produção acadêmica sobre as pesquisas com crianças, tais como: culturas infantis, cultura de pares, como descritores de busca.

Pesquisar criança

A proposta de desenvolvimento teórico para responder as questões dessa pesquisa está subdividida em História da Infância, Culturas Infantis, Culturas de Pares, Pesquisas com crianças e Ouvir Crianças. Para o desenvolvimento desse trabalho partimos das ideias de Ariès (1981), Abramowicz (2011), Corsaro (2005), Kramer (1996; 2002), Sarmento (2004; 2007; 2008), Qvortrup (2010), Rosemberg e Freitas (2002), Rosemberg (2006), Rosemberg e Andrade (2007), Rosemberg e Mariano (2010), Vasconcellos e Sarmento (2007).

A percepção é que as pesquisas que trazem a criança como protagonista tanto da ação educativa, quanto da pesquisa têm crescido; por isso, pretende-se apontar as crianças como principais interlocutores, que contam suas narrativas ou são observados em seus espaços e ambientes de convívio. Essa perspectiva decorre em função da compreensão que as crianças são atores sociais e sujeitos ativos no processo de construção de conhecimento. Logo, a necessidade de considerar que a criança se socializa não somente se adaptando e fazendo a “internalização, mas também um processo de apropriação, reinvenção e reprodução” (Corsaro, 2011, p. 31). Deste modo, partindo daquilo que é disponibilizado para elas, vão apropriando-se destes elementos através de suas brincadeiras, desenhos, falas, e demais formas de expressão, e com isto criando novos e diferentes sentidos aos mesmos, o que, por sua vez, produz efeitos no “mundo adulto”. Elas são, então, nas palavras de Qvortrup (2011, p. 206), “coconstrutoras da infância e da sociedade”.

Metodologia

Este estudo de abordagem qualitativa é fundamentado nos pressupostos da Pesquisa Interpretativista, que segundo Bortoni-Ricardo (2008) estimula a reflexão das ações pedagógicas, o que pressupõe a formação do(a) professor(a) pesquisador(a), que faz de suas vivências, experiências e ações pedagógicas objeto de pesquisa e de produção do conhecimento. Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 48), a “vantagem do trabalho do professor pesquisador é que ele resulta em uma ‘teoria prática’, ou seja, em conhecimento que pode influenciar as ações práticas do professor, permitindo uma operacionalização do processo de ação-reflexão-ação [...]” e é fundamental, conforme Bortoni-Ricardo (2008, p. 41), “descobrir como padrões de organização social e cultural, locais e não locais, relacionam-se às atividades de pessoas específicas quando elas escolhem como vão conduzir sua ação social”.

Nesse sentido, a técnica de coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica, especificamente o Estado da Arte dos estudos sobre infância, tendo como temas centrais e, nesse caso, descritores os conceitos de culturas Infantis e culturas de Pares, elementos constitutivos para a análise. As buscas de textos se deram na base de dados Periódicos da CAPES, com a meta de analisar as pesquisas com crianças encontradas na produção nacional, publicadas entre os anos de 2015 e 2020. Para Romanowski e Ens (2006), “Esses estudos são justificados por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área”.

Portanto, foi realizada uma busca na base de dados Periódicos CAPES com os seguintes descritores: culturas infantis e cultura de pares e apareceram quarenta e dois artigos em língua portuguesa, produzidos entre os anos de 2015 e 2020, a partir de uma leitura dos resumos foram selecionados trinta e sete artigos, visto que um dos textos não aborda as culturas infantis, mas a cultura escolar, outro está repetido, dois são resenhas e um é a apresentação de uma revista. Desses trinta e sete artigos, foi realizada a leitura de todos os resumos e, por meio da metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 1995), a seleção de palavras-chave na produção de unidades de análises e posterior organização em categorias de análise.

Como preconiza a metodologia da Análise de Conteúdo, são reunidos o corpus documental, nesse caso, os artigos produzidos entre os anos de 2015 e 2020 sobre Culturas infantis e/ou Cultura de Pares e que estão na base de dados de periódicos da Capes, para posterior leituras inicial e em profundidade; seleção das unidades de análise e criação das categorias, a fim de que se possa produzir inferências e a produção da síntese (Constantino, 2002).

Assim, a partir dessa análise prévia, foram agrupadas cinco categorias de análise, sendo que os textos não podem ser enquadrados em mais de uma categoria. As categorias estão dispostas a seguir: a) Práticas Pedagógicas e ações da criança em Escolas de Educação Infantil, com quinze artigos; b) Práticas Pedagógicas em ambientes do Ensino Fundamental, três artigos; c) Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, com nove artigos produzidos, subdivididos em influência das mídias televisivas nas culturas infantis, com quatro artigos, uso de artefatos móveis e computador por crianças, três artigos e a relação entre vídeos e filmes nas culturas infantis, dois artigos; d) Culturas infantis em espaços não Escolares, temos cinco artigos; e) De cunho Teórico, cinco artigos.

Para esse artigo, as quatro primeiras categorias serão abordadas, visto que a proposta é identificar as produções acadêmicas que realizaram pesquisas de campo, pois pretende-se destacar os elementos constitutivos das práticas de professores e as ações das crianças perante os artefatos culturais e aspectos simbólicos da cultura material e não material da vida em sociedade.

Práticas pedagógicas e ações da criança em escolas de Educação Infantil

Na categoria Práticas Pedagógicas em ambientes da Educação Infantil que serão analisadas a seguir, foram encontrados quinze textos. Conforme Bardin (1995, p. 38), a metodologia da Análise de Conteúdo se configura em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. No intuito de evidenciar os conteúdos dos quinze textos em análise, subdividiu-se em unidades de análise, tais como: abordagens teóricas sobre a Sociologia da Infância em conexão com as práticas do professor e a necessidade de trabalhar com a cultura de pares, a interatividade e a ludicidade; O livro didático e o livro infantil nos espaços da Educação Infantil; O racismo e as hierarquizações sociais nas culturas infantis nos espaços das escolas de educação infantil e creches, as relações de gênero na Educação Infantil e cultura de pares.

No texto de Nair Correia Salgado Azevedo e Taisa Palma de Souza, intitulado “‘Brincar É Coisa Séria!’ - As Contribuições da Sociologia da Infância para a compreensão da brincadeira na Educação Infantil”, as autoras discutem a brincadeira sob a ótica da Sociologia da Infância, e apontam a brincadeira como coisa séria, e para a criança é na brincadeira que “são desenvolvidas e aprimoradas as noções de regras, de comportamento, além de promover uma ampla experiência de socialização entre as crianças”. As autoras apontam o conceito de cultura como “promotoras dos momentos de brincadeiras” e afirmam a necessidade de pensar “infância como uma categoria geracional com especificidades peculiares que precisam ser consideradas e reconhecidas nos contextos educacionais de Educação Infantil”. As pesquisadoras concluem sobre a necessidade de valorização da cultura de pares, pois é dessa forma que constroem novas aprendizagens e apontam que a ludicidade é eixo basilar “para a produção das culturas da infância, além de contemplar a brincadeira como um de seus principais elementos e de suma relevância para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil” (Azevedo; Souza, 2017, p. 31).

O artigo “A Interatividade como Fomentadora da Ludicidade: Em busca de caminhos e sentidos na Educação Infantil” de autoria de Denise Watanabe, Tony Aparecido Moreira, José Milton de Lima e Márcia Regina Canhoto de Lima apresenta alguns resultados de uma pesquisa de mestrado, realizada em uma escola de Educação Infantil de um bairro periférico do Oeste Paulista, uma pesquisa qualitativa, fundamentada na Sociologia da Infância e que teve como metodologia “a investigação-ação” e o “diálogos com crianças e com as professoras” por meio das técnicas da observação e da análise de fotos e das anotações no diário de campo, parte do pressuposto que existia uma “carência em compreender e em integrar a interatividade como

elemento fomentador da ludicidade”. Teve como objetivo “aprofundar os conhecimentos e a compreensão acerca das relações sociais (interatividade) entre adultos/crianças, crianças/adultos e crianças/pares infantis, com vistas a fomentar a ludicidade”. Os resultados destacam “que a interatividade e ludicidade se complementam, visto que a brincadeira não é inata, mas elemento cultural que precisa ser ensinado/aprendido/recriado” (Watanabe *et al.*, 2016, p. 18).

O artigo “A compreensão de relações familiares pelas crianças em situação de brincadeira em contexto de educação infantil” de autoria de Lenira Haddad e Renata da Costa Maynard apresenta como as crianças expressam as relações familiares quando colocadas em situações de brincadeiras com pares na educação infantil. As pesquisadoras reanalisam momentos de jogos imitando as relações familiares que foram gravados e analisados para a escrita de uma dissertação de mestrado “que buscou compreender a importância da brincadeira para a constituição da identidade da criança na perspectiva de Henri Wallon” e fazem uma revisão de alguns fragmentos, bem como apontam que esses episódios selecionados “revelam que o processo de compreensão de relações familiares se dá no entrelaçamento de modos de agir, pensar e sentir individuais e o sistema de crenças e teorias do mundo simbólico-cultural e passa, necessariamente pelas interações sociais com o outro” (Haddad; Maynard, 2017, p. 69).

No artigo de Susana Angelin Furlan, José Milton de Lima, Márcia Canhoto de Lima, intitulado “Culturas infantis: reiterações e concepções de tempo na educação infantil” fruto de uma pesquisa qualitativa etnográfica na salas de aula da Educação Infantil de um município do interior paulista, de duas professoras e de crianças de 3 a 4 anos de idade, o objetivo foi o de “aprofundar o conhecimento de um dos quatro eixos das culturas da infância: a Reiteração, sobre as concepções de tempo infantil dos professores investigados e ainda, analisar as reações das crianças em relação a tais posições” (Furlan; Lima; Lima, 2019, p. 81). A partir do referencial bibliográfico, que aponta diversas concepções de tempo: “Chronos, Kairós e Aión, sendo que o Chronos, o tempo das rotinas é o que mais impera dentro da escola”. Ao observar as crianças, os pesquisadores consideram que ocorre uma reinvenção do tempo por parte das crianças, “criam o que nominamos de um novo entendimento de tempo, o Kaiônico, ou a reiteração, marcado pelo modo subjetivo de entender das crianças, brincando com as horas do relógio, parando-as e retomando-as quando querem” (Furlan; Lima; Lima, 2019, p. 81).

O artigo de Renata Veiga, Manuela Ferreira intitulado “Entre as Práticas Pedagógicas e as Culturas Infantis: Contributo para a Compreensão da Participação das Crianças num Jardim de Infância” embasado na Sociologia da Infância e dos Estudos da Cidadania e Direitos das

Crianças e no método etnográfico com um “grupo de 22 crianças entre 3-5 anos e sua educadora” tem por objetivo “compreender de que modos se processa a participação das crianças na organização, gestão e dinamização do trabalho pedagógico a cargo da educadora num Jardim de Infância (JI) público localizado na área metropolitana do Porto, Portugal”. Conclui sobre a importância de vincular a cultura pedagógica às culturas infantis e destaca que “a reflexão crítica das participações infantis, nos aspectos que as obstaculizaram ou nos indicativos que as tornaram influentes visa contribuir para a co-construção de quotidianos mais democráticos e, portanto, mais respeitadores dos direitos de participação das crianças” (Veiga; Ferreira, 2017, p. 11).

O artigo “Valorização das Culturas Infantis através das Brincadeiras Imaginativas” de autoria de Susana Angelin Furlan, Denise Watanabe, Nathalia Franco Alves e José Milton de Lima fundamentado na Sociologia da Infância a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa e da metodologia da pesquisa-intervenção, o texto é um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica que constatou “carência de saberes referentes à imaginação infantil” e, a partir daí passou a “estimular e ampliar a imaginação infantil - por vezes latente - por meio de brincadeiras; de músicas; de representações; de personagens imaginários (Lipe e Luci) e de brinquedos”. Os resultados apontados pela pesquisa foram: “maior expressão imaginativa das crianças e efetiva participação das professoras - em todas as brincadeiras e atividades propostas pelos pesquisadores bolsistas” (Furlan; Watanabe; Alves; Lima, 2017, p. 11).

O artigo “Ensino de ciências e educação infantil: um estudo pautado na reprodução interpretativa e cultura da infância” de autoria de Thayse Geane Iglesias e Camila Silveira foi escrito a partir de uma pesquisa qualitativa microetnográfica com as técnicas de observação participante com registro dos dados em notas de campo realizada no “Centro Municipal de Educação Infantil localizado em Curitiba – Paraná, em uma turma de crianças de 2 a 3 anos” e teve por objetivo de “analisar como as crianças interpretam e integram os saberes de Ciências da Natureza, por meio de suas próprias práticas”. Por meio da Análise de Conteúdo, os autores estabeleceram “categorias a priori baseadas nos quatro eixos estruturantes da Cultura de Infância, sendo esses: a) Interatividade; b) Ludicidade; c) Fantasia do Real; e d) Interação” (Iglesias; Silveira, 2019, p. 572). E preconizam que

as crianças por meio do brincar reproduzem atividades dos adultos, como o passo-a-passo de um experimento, e ao mesmo tempo integram suas expectativas, frustrações e interpretações. A interação é fundamental para o desenvolvimento do pensamento científico, pois os pares compartilham suas experiências e estabelecem diálogos transformando as conclusões já

estabelecidas sobre determinado assunto, em novas perguntas. As crianças transpõem suas dúvidas para a fantasia do real, em busca de respostas, estabelecem conexões e elaboram explicações que consideram satisfatórias a seus questionamentos. Observar a criança em sua ação permite ao docente explorar essas conclusões, instigar a curiosidade e a investigação para que desenvolvam uma visão científica do mundo real (Iglesias; Silveira, 2019, p. 572).

O texto intitulado “Estratégias, negociações e disputas em uma situação de brincadeira na educação infantil” de autoria de Gabriela Medeiros Nogueira e Eliane Teresinha Peres, com o objetivo de discutir aspectos da infância, da cultura lúdica e da cultura de pares, se caracteriza como uma pesquisa de viés etnográfico, realizada com um grupo de crianças de Pré-Escola de uma Escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Pelotas-RS. O artigo analisou situações de interações entre crianças em momentos de brincadeiras livres, embasados em pressupostos da sociologia da infância e nas referências sobre brincadeiras, jogos e educação. As autoras consideraram que as crianças têm grandes perspicácias em suas ações e suas estratégias são muito bem elaboradas com o propósito de alcançar seus objetivos. Os dados apontam que as crianças “se expressaram no cotidiano da sala de aula e vivenciaram a cultura de pares em momentos lúdicos”. Portanto, a importância de “conhecer as diferentes estratégias que as crianças utilizam em situações de brincadeiras livres permite repensar ações pedagógicas” (Nogueira; Peres, 2017, p. 1).

Neste sentido, cumpre salientar e destacar a importância de o(a) professor(a) da Educação Infantil observar as crianças e instigar a sua curiosidade. Isto demanda muita atenção nas ações e brincadeiras que as crianças desenvolvem juntamente com seus pares, tanto nas ações e proposições do professor em sala de aula, quanto das brincadeiras livres.

Assim sendo, esse primeiro tópico trouxe elementos centrais para a reflexão sobre as práticas do(a) professor(a) de Educação Infantil no espaço de sala de aula, sobretudo no que diz respeito às necessidades das crianças em cada faixa etária e também nas especificidades de cada criança em interação com os pares, com os(as) professores(as) e com os objetos próprios de sua cultura.

A Sociologia da Infância está relacionada com as práticas do professor, a cultura de pares, a interatividade e a ludicidade, especialmente no contexto da Educação Infantil. Essa abordagem destaca a importância de compreender as crianças como atores sociais ativos, capazes de produzir cultura e interagir em um ambiente lúdico e social. Segundo Sarmiento (2004; 2007; 2008), a sociologia da infância enfatiza a interação e a troca com os pares, os processos de comunicação e as brincadeiras como elementos centrais na construção da cultura

infantil. Além disso, a ludicidade é considerada um traço fundamental das culturas infantis, marcado pelo modo peculiar de relação social e cultural, sendo condição de aprendizagem. Cintra (2022) destaca a importância de contemplar as culturas infantis no contexto escolar, sem submetê-las a uma lógica exclusivamente educativa, mas sim reconhecendo e valorizando as produções simbólicas e os artefatos próprios de uma cultura infantil. Conforme Cintra (2022, p. 107) “não podemos pedagogizar excessivamente as práticas lúdicas, deixando de permitir o direito de a criança fazer escolhas livremente, porque esse fato seria contraditório a qualquer planejamento que tenha como objetivo desenvolver sua autonomia, que é a essência do lúdico”.

Portanto, a Sociologia da Infância oferece subsídios teóricos e práticos para que os professores compreendam e atuem de forma mais significativa no contexto da Educação Infantil, considerando as culturas de pares, a interatividade e a ludicidade das crianças.

Na próxima unidade de análise, aborda-se três artigos cuja temática discutem o livro didático e o livro infantil nos espaços da Educação Infantil.

O artigo “As brincadeiras e as interações nos livros didáticos para educação infantil” de Maria Carmen Silveira Barbosa, Carolina Gobbato e Crislaine Boito faz uma análise de três coleções de livros didáticos para a Educação Infantil e tem por objetivo “compreender como a brincadeira e as interações, eixo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil [...] estão contempladas no material didático” (Silveira Barbosa; Gobbato; Boito, 2018, p. 1). Em uma pesquisa com a fundamentação teórica nos “estudos da infância e da brincadeira” (Silveira Barbosa; Gobbato; Boito, 2018, p. 1).

Por meio da Análise de Conteúdo das atividades propostas nas coleções de livros didáticos e manuais dos professores, concluíram que as coleções são materiais empobrecidos porque distanciam-se das proposições das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, à medida que “a brincadeira e, em menor proporção, as interações, apesar de estarem presentes no material didático, aparecem apenas em atividades dirigidas, visando ao ensino de conteúdos estritos e não experiências contextualizadas, complexas, lúdicas, interativas e cognitivas” (Silveira Barbosa; Gobbato; Boito, 2018, p. 1).

O artigo “Os usos sociais dos livros no dia a dia do Jardim de Infância” de autoria de Silvani Kempf Bolgenhagen e Manuela Ferreira surgiu a partir de uma dissertação de Mestrado, pautado nos pressupostos da Sociologia da Infância que considera as crianças como atores sociais históricos e que tem uma forma própria de interpretar o mundo, a partir de uma pesquisa etnográfica, com a técnica da observação participante “com crianças de 4-5 anos num Jardim de infância na área metropolitana do Porto”, cujo objetivo foi “compreender a importância dos

livros no cotidiano do Jardim de Infância, no que tange aos usos e relações que se estabelecem através deles, quer pelo adulto nas suas interações com as crianças; quer pelas crianças em relação ao adulto, quer pelas crianças entre si”. O estudo possibilitou considerar que “a maioria dos usos sociais que a educadora fez dos livros i) visaram todo o grupo de crianças; ii) o recurso frequente de estratégias pedagógicas que dialogavam com determinados aspectos das culturas infantis”. Com relação às crianças as autoras constataram que houveram “i) usos individuais dos livros, envolvendo o manuseamento, folheio, observação e interpretação de imagens e exploração de dispositivos e ii) usos coletivos de livros em que se destaca o seu uso na reprodução interpretativa do contar/ler histórias e em brincadeiras lúdicas” (Bolgenhagen; Ferreira, 2016, p. 3).

Os livros se configuram como apoio importante para o desenvolvimento da criança. Manusear livros, fazer leitura não somente das letras, mas das figuras são importantes aspectos para a iniciação na prática da leitura, próprios da cultura lúdica e da imaginação da criança. Conforme preconiza Soares (2004), a alfabetização e letramentos são duas faces da mesma moeda e precisam andar juntas.

Já os livros didáticos são importantes para auxiliar o professor no processo de ensino e aprendizagem, no planejamento das aulas e das ações que irá desenvolver ao longo do ano letivo. É salutar, então, a importância de ter bons materiais para disponibilizar para os(as) professores(as).

Na próxima unidade de análise destaca-se quatro artigos sobre o racismo e as hierarquizações sociais nas culturas infantis nos espaços das escolas de educação infantil e creches e as relações de gênero na Educação Infantil e cultura de pares.

O artigo de Flávio Santiago, intitulado “Gritos Sem Palavras: Resistências das crianças pequeninhas negras frente ao racismo” busca compreender, a partir de uma pesquisa etnográfica e dos “pressupostos teóricos da Sociologia da Infância e dos estudos das Ciências Sociais, relacionados às relações raciais no Brasil, a violência do processo de racialização sobre a construção das culturas infantis”. A pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil de Campinas com um grupo de crianças de três anos. O autor assinala “uma reprodução dos preconceitos referentes à categoria racial e a legitimação das hierarquizações sociais que legitimam as desigualdades”. Além disso, o autor aponta a percepção das crianças sobre “o racismo presente nas posturas pedagógicas adotadas pelos(as) docentes e deixam explícita, por meio de diferentes linguagens, a não aceitação dos enquadramentos que as fixam em posições subalternas na sociedade” (Santiago, 2015, p. 129).

O artigo “Questões Raciais para Crianças: resistência e denúncia do não dito” escrito por Flavia Motta e Claudemir de Paula aborda os efeitos na subjetividade das crianças de uma educação antirracista e teve por objetivo “identificar os aspectos decorrentes do Parecer CNE/CP 003/2004, da Lei 10.639/2003 nas práticas educacionais da educação infantil e discutir como as questões raciais influenciam a vivência das práticas pedagógicas nos espaços educativos voltados à primeira infância”. O estudo emerge da pesquisa numa creche vinculada a uma instituição federal do Rio de Janeiro entre os anos 2014 e 2016. Para consecução da pesquisa, os autores partem “da premissa de que as crianças compreendem e reinterpretam o mundo em suas interações por meio da cultura de pares”. E concluem que apesar de a creche analisada estar adequada à legislação e insere a temática das relações étnico-raciais, apontam a necessidade da “presença de um corpo técnico consciente da temática antirracista” (Motta; De Paula, 2019, p. 1).

O artigo de Peterson da Silva, Tassio da Silva e Daniela Finco intitulado “Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte” reúne pesquisa sobre relações de gênero até 2016, atualiza um estudo realizado em 2006 e considera que os estudos sobre gênero na Educação Infantil ainda são esparsos, mas que “a luta feminista e os estudos de gênero contribuem substancialmente para as modificações no cotidiano da educação da pequena infância e na construção de uma pedagogia não sexista” (Silva; Silva; Finco, 2020, p. 1).

O texto “Representações de feminino e masculino em pesquisa com crianças” de Lutiane Novakowski, Marisa Vorraber Costa e Fabiana de Amorim Marcello parte de uma pesquisa com crianças de 4 a 5 anos que frequentavam uma escola de Educação Infantil pública, “cujo objetivo foi compreender quais representações de feminilidade e masculinidade as crianças constroem desde bem pequenas” e trouxe como resultados que “embora as crianças muitas vezes expressem compreensões – neste caso, sobre gênero – atreladas a uma visão adultocêntrica, os significados que acabam compartilhando e reproduzindo colaboram para a constituição de suas próprias identidades” (Novakowski; Costa; Marcello, 2016, p. 235).

Os estudos das questões raciais e de gêneros precisam estar presentes no planejamento do(a) professor(a) da Educação Infantil e perceber as ações e reações das crianças no espaço da creche e da pré-escola são elementos fundamentais para que o(a) professor(a) possa ouvir a criança em suas mais diversificadas necessidades e tendências nas adversidades que enfrenta no seu cotidiano.

Destarte, é necessário perceber as diversas reações, de como lida com as emoções e situações de preconceito racial, de violência simbólica e de gênero que podem atingir as crianças no espaço da escola e no seu cotidiano social e familiar. Cabe destacar a necessidade do(a) professor(a) ser pesquisador(a), conforme Bortoni-Ricardo (2008), das suas práticas pedagógicas e das situações que experiencia nos espaços da creche e/ou da pré-escola, de saber ouvir a crianças no cotidiano da sala de aula em suas manifestações de afeto, de medo, de controle e descontrole das emoções, que podem ser indícios de diversas situações que atrapalhem ou não seu desenvolvimento e a aprendizagem nos espaços de educação infantil. A partir das observações, das leituras teóricas e da relação entre teoria e prática, o(a) professor(a) terá muitos elementos para organizar sua intervenção pedagógica e dirimir algumas situações de não aprendizagem, de preconceito, de violências e de dificuldades por parte das crianças.

Práticas pedagógicas em ambientes do Ensino Fundamental

Na categoria Práticas Pedagógicas em ambientes do Ensino Fundamental analisadas na sequência, evidencia-se os conteúdos dos três textos em análise, subdivididos em duas unidades de análise, a saber: Cultura escolar e cultura de pares e Alteridade e vulnerabilidade social.

O texto intitulado “Infância e Escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental” de Vanessa Ferraz Almeida Neves, Danusa Munford, Francisco Ângelo Coutinho e Kely Cristina Nogueira Souto acompanharam uma turma de crianças de seis anos no início do processo de inserção no Ensino Fundamental em uma pesquisa de abordagem etnográfica, com uso da técnica da observação participante, videogravações e entrevistas. Eles consideraram “a cultura escolar como algo em constante movimento, povoada por embates e contradições, e em íntima relação com a construção da cultura de pares”. Destacaram elementos essenciais dessa inserção, tais como: “a rotina diariamente escrita no quadro, a preocupação com o bem-estar físico das crianças, o cuidado com os artefatos escolares, o tom de voz baixo da professora, a roda de conversa e a prática de uma criança ajudar a outra” (Neves *et al.*, 2017, p. 345).

O processo de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental pode ser desafiador para as crianças, uma vez que envolve mudanças significativas, como a entrada em um novo ambiente, a convivência com novos colegas e professores, e a adaptação a novas rotinas e dinâmicas de aprendizagem. Essa transição demanda atenção cotidiana por parte dos professores, da equipe pedagógica e da gestão escolar, a fim de oferecer suporte e acolhimento durante essa fase de mudança e adaptação. A Sociologia da Infância pode contribuir para amenizar a situação de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, considerando

a cultura escolar, ao oferecer uma compreensão mais ampla das crianças como sujeitos sociais e históricos, capazes de participar ativamente de seu próprio processo de socialização e aprendizagem. Nesse sentido, a atenção à adaptação, à continuidade do cuidado e à participação emocional ativa da criança no processo de transição são aspectos fundamentais a serem considerados.

Na unidade de análise Alteridade e vulnerabilidade social destaca-se dois artigos. Um deles, intitulado “Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade” de autoria de Deise Arenhart é um estudo etnográfico com crianças de quatro a seis anos em escolas de dois grupos sociais: “um de baixa renda e residente em uma favela e outro de classe média alta intelectualizada”. Discute “como as posições estruturais de geração e classe social se expressam nas culturas infantis de dois grupos diferenciados socialmente”. As crianças como sujeitos da pesquisa, a partir das análises “o corpo apareceu como recurso e expressão das culturas das crianças que vivem na favela e que sofrem, na escola, processos densos de regulação da interação, da brincadeira e da linguagem”. Ao contrário, na escola de classe média/alta houve um maior destaque para a brincadeira como principal manifestação, “contexto em que as interações entre pares e o brincar estão mais favorecidos” (Arenhart, 2015, p. 193).

O outro artigo, de autoria de Ana Paula Vieira e Souza, Francisco Pereira Oliveira e Ana Nivia Santana Alves, intitulado “Discurso de Crianças em Situação de Vulnerabilidade Social entre Escola, Lixão e Trabalho Infantil” com a preocupação central em analisar os discursos de crianças sobre escola, lixão e trabalho infantil, espaços onde circulam, pois vivem no entorno do Lixão do Rocha e estudam em uma escola estadual da periferia de Bragança Paulista, produzidas a partir da técnica da roda de conversas com dez crianças entre sete e dez anos de idade. Dessa forma, os autores caracterizam “as culturas infantis produzidas no universo infantil entre escola, lixão e trabalho infantil” e demonstram a partir dos dados, que os discursos revelam “desejos, sonhos e perspectiva de vida, sobre seus desejos em possuir objetos, o que pensam em relação sobre família e escola, o tipo de trabalho que realizam no Lixão do Rocha”. Os autores demonstram, por meio dos dados, que ocorre “descaso do poder público em melhorar a estrutura física da escola, na formação continuada e na qualificação de professores para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental” (Souza; Oliveira; Alves, 2018, p. 1).

Da mesma forma que na Educação Infantil discutida na seção anterior, no Ensino Fundamental cabe ao(a) professor(a) perceber as diversas situações em que a criança vive, sua cultura, suas escolhas musicais, de filmes, vídeos e desenho animado, de leituras e de jogos e

brincadeiras, suas coleções conforme aponta Rojo (2012). Além disso, como se expressa e reage frente a situações adversas. Nos casos anteriores, destaca-se a desigualdade social, a vulnerabilidade e o trabalho infantil, o que lembra a situação de exclusão que vivem muitos estudantes na escola pública, porém, pelas narrativas dessas crianças, percebe-se a construção de uma cultura própria, vivenciada e produzida entre os pares; por isso a necessidade e atenção dos(as) professores(as) no sentido de aproveitar essa situação de construções desses sujeitos para mobilizá-los para a produção de conhecimento, como preconiza Freire (2003; 2018) nos livros *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*.

Tecnologias da informação e comunicação – TICs

Na categoria TICs, com nove artigos produzidos, subdivididos nas seguintes unidades de análise: Influência das mídias televisivas nas culturas infantis, com quatro artigos; Uso de artefatos móveis e computador por crianças, três artigos; e A relação entre vídeos e filmes nas culturas infantis, dois artigos.

Na unidade de análise Influência das mídias televisivas nas culturas infantis, com quatro textos. O artigo de Renata Aparecida Carbone Mizusaki e Cleomar Ferreira Gomes, intitulado “Infâncias, culturas infantis e as mídias: entre cenas constituintes de si” discute a maneira como os projetos culturais e sociais propostos para as crianças e as infâncias “são atravessados pelos meandros das mídias televisivas e das histórias em quadrinhos e a influência dessas agências nos processos relacionais de constituição de si” (Mizusaki; Gomes, 2019, p. 192). A partir do estudo, os pesquisadores consideram que os artefatos culturais destinados as crianças, para além de expressar concepções construídas pelos adultos sobre a criança, demarcam as culturas infantis em diálogo com econômico, social e cultural mais amplo. Os autores consideram a escola como espaço de disputa em que

essas identidades infantis, experimentadas em grupos diferentes são, ora fortalecidas pela identificação com valores, ideias, crenças e princípios comuns, ora conflitantes, intolerantes e tiranas com a repulsa do/a outro/a concebido como estrangeiro, são colocadas em perspectiva, como expressão de experiências sociais e culturais, cada vez mais complexas (Mizusaki; Gomes, 2019, p. 192).

O artigo de Ruhena Kelber Abrão, Daiane dos Santos Beiersdorf e Daniela Ribeiro Abrantes intitulado “A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo” aborda história do brinquedo e das infâncias na configuração das culturas infantis e tem como objetivo “desenvolver tópicos ligados à Cultura da criança”, analisa os processos de

interação da criança com seu brinquedo, as razões de sua escolha e enfatiza as vantagens e as desvantagens dos brinquedos, assim como suas “utilizações e tipos disponíveis no mercado”. Ao analisar o mercado, relata “as estratégias utilizadas pelo marketing e publicidade para atrair o grande público consumista infantil” (Abrão; Beiersdorf; Abrantes, 2015, p. 79).

O artigo de Maria Isabel Orofino, intitulado “O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo” traz uma síntese de uma pesquisa qualitativa realizada com crianças, sobre sua relação com as mídias e o consumo no mundo atual e parte da questão das “potencialidades da agência infantil diante dos apelos sedutores da mídia comercial” para discutir as “competências culturais das crianças e o seu ponto de vista”. Embasado teórica e metodologicamente nas “metodologias dialógicas e participativas” e no “campo da comunicação social a partir da perspectiva dos estudos culturais, da teoria latino-americana das mediações e da pedagogia dialógica”, foi realizado em uma ONG no centro de São Paulo com 25 crianças, ao longo de 2013. Os resultados da pesquisa comprovam que “as crianças detêm um repertório sobre as textualidades midiáticas sabendo distinguir entre formatos, gêneros e formas culturais” (Orofino, 2015, p. 369).

O artigo de Michelle Brugnera Cruz Cechin e Thaise da Silva, com o título “Princesas em Discurso: As bonecas personagens da Disney na visão das crianças” é uma pesquisa qualitativa realizada em uma escola pública de Porto Alegre – RS, que ouviu as crianças sobre as bonecas das princesas da Disney, com o objetivo de “compreender como esse grupo de crianças abordou a identidade de gênero e as diferenças culturais representadas por esses personagens”, visto que esses produtos buscam estabelecer um modelo de comportamento e identidade de gênero que crianças devem seguir “em filmes, jogos, livros e bonecos. Quando as crianças brincaram com essas bonecas, elas confirmaram, desafiaram e transformaram a pedagogia de gênero ensinada por esses personagens, que assumiram papéis de liderança nas brincadeiras entre colegas na sala de aula”. Portanto, as autoras consideram que, ao oportunizar a brincadeira e as reflexões sobre e com esses brinquedos, isso trouxe “novas possibilidades de pensar modos distintos de subjetivação” (Cechin; Silva, 2015, p. 250).

A cultura digital tem influenciado significativamente as culturas infantis, alterando as formas de brincar, aprender e interagir das crianças. A discussão sobre a presença do consumo nas produções que integram as culturas infantis na cultura digital tem sido um tema central de estudo (Souza; Santos; Santos, 2024). A relação entre a cultura digital e as culturas infantis é um campo de estudo em constante evolução, que exige atenção e reflexão por parte de educadores, pesquisadores e responsáveis. Nesse sentido, destaca-se a importância de o(a)

professor(a) identificar os filmes, as formas de consumo e as relações que as crianças estabelecem com os objetos advindos do consumo próprio da cultura digital.

A sociologia da infância ressalta a necessidade de considerar as culturas infantis e as especificidades da infância na elaboração de políticas e práticas educacionais. As tecnologias digitais repercutem no ato de brincar infantil e impactam na saúde das crianças, sendo reflexões essenciais sobre como integrá-las de forma equilibrada e saudável no cotidiano das crianças.

Na segunda unidade de análise, Uso de artefatos móveis e computador por crianças, o artigo de Inês Sílvia Vitorino Sampaio, Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante e Thinayna Mendonça Máximo intitulado “Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças” parte da compreensão de que a realidade de milhões de crianças e adolescentes é estar integrados à cultura digital e conectados aos pares, com uso de mídias móveis. A pesquisa foi realizada entre os anos de 2014 e 2015, o LabGRIM (Laboratório de Pesquisa da relação Infância, Juventude e Mídia) da Universidade Federal do Ceará, período em que se “investigou a relação de crianças cearenses, entre 11 e 12 anos, com essas mídias buscando identificar como compreendiam as oportunidades e riscos de suas práticas online”. Por meio da técnica de entrevista grupos focais com estudantes de escolas Pública e Privada de Fortaleza em dois grupos, foi identificada a “prática de curadoria digital de pares [...] uma prática que vem ganhando relevo na cultura digital de crianças e adolescentes” (Sampaio; Cavalcante; Máximo, 2019, p. 109).

O artigo de Deise Juliana Francisco, Adriana Paula Lourenço da Silva intitulado “Criança e Apropriação Tecnológica: Um estudo de caso mediado pelo uso de computador e do tablet” parte do pressuposto que “nos últimos anos, as tecnologias passaram a transformar a nossa maneira de viver e estamos cada vez mais dependentes delas. Sendo assim, os recursos tecnológicos estão cada vez mais participando da rotina das crianças, seja direta ou indiretamente”. As crianças estão inseridas na cultura digital e fazem uso dos recursos das tecnologias digitais cada dia mais cedo. O objetivo do trabalho foi “abordar o processo de interação de uma menina de seis anos de idade com computador e tablet [...], é relatado como tal criança interagiu com estes recursos tecnológicos durante quatro sessões de observação, a partir da perspectiva vygotskiana”. Isso se deu por meio de uma abordagem qualitativa, delineado pelo estudo de caso, com as técnicas de coleta de dados as “observações e em alguns momentos diálogos orientados por roteiro e em outros não, com a criança”. Os autores apontam que antes de fazer uso do *tablet* e do computador, a “criança já tinha um conhecimento prévio sobre estes equipamentos e, ao longo da pesquisa, foi se apropriando cada vez mais de

informações sobre a usabilidade destes recursos, mesmo estando em processo inicial de aquisição do código escrito” (Francisco; Silva, 2015, p. 277).

O artigo de Micaela Ferreira dos Santos Silva, Adriano Pinheiro de Andrade, Magallia Farkath de Paiva Torres e Giovana Carla Cardoso Amorim, com o título “As Brincadeiras das Crianças de Ontem e de Hoje no Contexto Sociocultural” parte de uma pesquisa quanti-qualitativa, com uso de questionários como técnica de coleta de dados realizada com crianças e adultos da Escola Municipal Paulo Cavalcante de Moura no município de Mossoró/RN, com o objetivo de “entender as relações das brincadeiras tradicionais com as brincadeiras que envolvem o aparato tecnológico, a partir do contexto sociocultural. [...] identificar os fatores que influenciam no brincar infantil”, embasados nos estudos de Brougère, Kishimoto, Vygotsky e Piaget e no pressuposto de que a brincadeira se caracteriza como “um elemento conciso que permite o desenvolvimento infantil” (Silva *et al.*, 2017, p. 62). Ao analisar os dados da pesquisa os autores perceberam “que não importa o contexto em que vivem, as crianças acabam, de algum modo, brincando. As brincadeiras mais comuns tanto na infância das crianças de ontem, quanto na infância das crianças de hoje, são brincadeiras que sejam desenvolvidas coletivamente”, além disso, destacam os benefícios das brincadeiras para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo, social etc., além de ser “responsável pela propagação da cultura, geração a geração, residindo nesse aspecto à relevância da temática para a educação e para a sociedade” (Silva *et al.*, 2017, p. 62).

A última unidade de análise da categoria TICs é a relação entre vídeos e filmes nas culturas infantis. O primeiro artigo, de Marília Milhomem Moscoso Maia e Martina Ahlert, “Onde fica a casa do meu amigo” analisa o filme de mesmo nome do diretor iraniano Abbas Kiarostami, aborda o conceito de agência e reflete sobre “como um simples objeto, um caderno, orquestra a saga e as ações do personagem Ahmed no filme”. Os autores inspiram-se no conceito de cultura de Geertz (2008) “para a compreensão do que se considera culturas infantis, e [...] compor as categorias de análise para a investigação desse filme” (Maia; Ahlert, 2018, p. 109). Como buscam caracterizar o conceito de agência, os autores discutem a “cultura infantil baseada na interação criança-criança, criança-adulto, criança-objeto e criança-espço, representada na ficção de Kiarostami. Os objetos assumem um papel central nessa discussão sobre a infância no Irã contemporâneo” (Maia; Ahlert, 2018, p. 109). Como buscam caracteriza o conceito de agência, os autores discutem a “cultura infantil baseada na interação criança-criança, criança adulto, criança-objeto e criança-espço, representada na ficção de Kiarostami.

Os objetos assumem um papel central nessa discussão sobre a infância no Irã contemporâneo” (Maia; Ahlert, 2018, p. 87).

O segundo artigo, intitulado “Imagens, narrativas, culturas infantis em “Abril despedaçado”: tateando um modo de olhar”, de autoria de Michele de Freitas Faria de Vasconcelos, Marcos Ribeiro de Melo e Roselusia Teresa de Moraes Oliveira percorre “alguns (des)caminhos conceituais-metodológicos” para experimentar um “modo de olhar e narrar a infância”. Conforme os autores, “a aposta é na possibilidade de com o cinema produzir imagens, dizibilidades e visibilidades, que criem conexões com forças de um pensamento intempestivo, numa tentativa de desnaturalizar verdades sobre ‘a’ infância veiculadas no (nosso) tempo”. Os pesquisadores se embasam no método da etnografia de tela e analisam o filme “Abril despedaçado”, e procuram exercitar “uma ética da alteridade da infância”, tateando as “falas e gestos dispersos no campo-tela da personagem ‘menino’” e, por fim, acompanham “seu percurso político-afetivo de borramento de (nossos) fazeres, saberes e poderes sobre culturas infantis a desencaminhar modos humanos de produzir relações consigo, com o ‘outro’ e com o mundo” (Vasconcelos; Melo; Oliveira, 2017, p. 67).

Essas três unidades de análise nos apresentam alguns elementos possíveis e necessários que o(a) professor(a) tenha para desenvolver seu trabalho em sala de aula, frente ao universo das tecnologias da informação e comunicação. Essa atenção do(a) professor(a) ao universo da cibercultura (Lèvy, 2010) e aos aspectos incorporados às culturas infantis, por meio do acesso aos artefatos e interfaces da cibercultura ou cultura digital, precisa ser considerada. Uma das formas de trabalhar incorporando aspectos da cultura digital é apresentada na proposta de Rojo e Moura (2012), a Pedagogia dos Multiletramentos.

Culturas infantis em espaços não escolares

Na categoria Culturas infantis em espaços não escolares, com cinco artigos, apresenta-se uma discussão sobre a cultura de pares e culturas infantis em diferentes espaços, tais como a brinquedoteca, espaços da rua na linha de transmissão em São Luís, espaços da cidade, em acolhimento institucional e experiências lúdicas em diversos ambientes.

O artigo “Alfabetização Científica e Criança: Análise de potencialidades de uma brinquedoteca” de autoria de Amanda Cristina Teagno Lopes Marques e Martha Marandino por meio da observação de três áreas de uma brinquedoteca e sua atuação na promoção da alfabetização científica (AC) de crianças. “A análise foi realizada com base na ferramenta teórico-metodológica de indicadores e atributos de alfabetização científica”. As referências

utilizadas versam “sobre alfabetização científica como processo que ocorre dentro e fora da escola e implica a apropriação de elementos da cultura científica com vistas à participação social”, além das discussões sobre infância, brincar/brinquedo embasados na Sociologia da Infância e em Brougère. “Conclui-se que a brinquedoteca, ao inserir em seu espaço, áreas e objetos que remetem a temas científicos, pode contribuir para o processo de AC de crianças, possibilitando a aproximação entre culturas infantis e elementos da cultura científica” (Marques; Marandino, 2019, p. 1).

O artigo de Emilene Sousa intitulado “As crianças e as linhas de transmissão em São Luís: Perspectivas metodológicas de uma pesquisa sobre representações infantis” revisita uma “pesquisa realizada sobre a presença de comunidades em faixas de servidão de linhas de transmissão da Eletronorte em São Luís, para refletir sobre perspectivas metodológicas na pesquisa sobre representações infantis”. Ao longo da pesquisa, foram detectados o protagonismo infantil; a pesquisa, de cunho etnográfico, foi realizada por meio de técnicas de desenhos elaborados pelas crianças e conversas informais. “Além de uma análise metodológica, verificamos as representações das crianças sobre os equipamentos, a empresa e a faixa de servidão, e identificamos as ações infantis respaldadas nessas representações” (Sousa, 2019, p. 307).

O artigo de Patrícia Oliveira Santana dos Santos e Antonio Luiz da Silva intitulado “A Cidade dos Adultos Ocupada Pelas Crianças: a resignificação infantil dos espaços urbanos a partir de Catingueira – Paraíba” teve por objetivo “entender a contribuição infantil na ocupação urbana, serão sistematizados dados de algumas pesquisas realizadas em Catingueira, na Paraíba, ao longo da última década”. Parte do pressuposto que as cidades foram feitas para serem plurais, porém “pautam-se num ideário politicamente excludente da participação de algumas faixas geracionais [...] seus espaços de sociabilidade são construídos adultocentricamente”. As crianças ocupam e estabelecem suas relações sociais cotidianas nas cidades, porém, em geral “não são consultadas nem chamadas para os debates ou para as decisões primordiais que envolvem suas vidas. Apesar disso, evidencia-se que elas não se quedam passivas, mas procuram se apossar de muitos dos espaços adultos, dando a eles novos significados sociais”. Como resultado da pesquisa, os autores defendem o que chamam de “um acordo democrático no gerenciamento das cidades, de modo que se tornem verdadeiros espaços de inclusão, não apenas das crianças, mas de todos os grupos etários do município” (Santos; Silva, 2015, p. 1).

O artigo de Pedro Paulo Bezerra de Lira e Maria Isabel Pedrosa intitulado “Processos de Significação sobre Família em Brincadeiras de Crianças em Acolhimento Institucional” teve

como objetivo “perscrutar processos de significação sobre família em brincadeiras de crianças em acolhimento institucional”, com a participação de 24 crianças de 3 a 7 anos de idade, que foram convidados a brincar de família, com diversos objetos disponíveis, em grupos de quatro ou cinco participantes em seções gravadas em vídeos. Dessas gravações, seis episódios foram analisados, o que evidencia que as crianças “consideram diferentes configurações familiares, explicitam relações horizontais e verticais de seus membros, reafirmam componentes dessas relações como obediência, autoridade e cuidado, bem como vivenciam trocas afetivas” (Lira; Pedrosa, 2016, p. 1).

O texto “Culturas Lúdicas Infantis na Escola: Entre a proibição e a criação” de autoria de Nair Correia Salgado de Azevedo e José Milton de Lima apresenta um estudo que é parte de uma Tese de Doutorado que aborda a “produção das culturas lúdicas infantis no contexto escolar com enfoque no jogo e na brincadeira” teve como objetivo “descrever e interpretar as experiências lúdicas em diversos ambientes” a partir de uma pesquisa qualitativa etnográfica embasada na sociologia da infância em que as crianças são os principais sujeitos da pesquisa. Foram usadas filmagens e fotos em vídeos, realizadas, em sua maioria, pelas crianças, além de entrevistas coletivas, registro por parte dos pesquisadores em diários de bordo e registros no diário coletivo de brincadeiras (Azevedo; Lima, 2018, p. 21).

Estes cinco artigos apresentam estudos sobre ouvir a criança em processos de pesquisa e ensino nos diversos espaços de sociabilidade por onde circulam e destacam a importância de compreender como as crianças produzem suas próprias culturas lúdicas e como essas culturas são influenciadas por estes contextos de sociabilidade e interação com os diferentes ambientes. Conforme Sarmiento (2004, p. 12), “as culturas da infância exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo”. Em relação aos diversos espaços que as crianças frequentam, cabe destacar que são espaços de construção de conhecimentos e de culturas infantis, portanto, são ambientes que precisam ser considerados por professores(as) e pesquisadores(as) porque constituem locais e ambiente de brincadeiras em que as crianças tem uma maior autonomia e se consolidam como espaços de produção de culturas infantis, de socialização e de aprendizagens.

Considerações finais

Este artigo foi produzido a partir das produções e da divulgação de pesquisa sobre culturas infantis e cultura de pares, e partiu das seguintes questões: quais reflexões podem ser feitas sobre o ato de ouvir a criança nas atividades de ensino e pesquisa sobre infância e as ações que envolvem a própria criança? O que caracterizam os conceitos de Culturas infantis, Cultura de pares, Educação e infância e pesquisas com crianças?

Ao longo do artigo foram perseguidos os objetivos de refletir sobre o ato de ouvir a criança nas ações de ensino e pesquisa sobre infância e, mais especificamente, de caracterizar os conceitos de Culturas Infantis, Cultura de Pares, Educação e Infância e Pesquisa com Crianças na produção acadêmica publicados entre os anos de 2015 e 2020, na base de dados Periódico CAPES; bem como compreender as potencialidades das pesquisas com crianças para as ações de ensino na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A brincadeira e a aprendizagem são parte do processo de desenvolvimento da criança e começam desde o nascimento, pois a criança inicia-se brincando com o seu próprio corpo, como aponta Kishimoto (2001, p. 9) “o corpo da criança é o seu primeiro brinquedo”. Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o brincar é inerente ao processo de desenvolvimento e de aprendizagem da criança. Um aspecto destacado por Kishimoto (2001), é a linguagem. Além da expressão corporal, também é importante destacar que os(as) educadores(as) precisam voltar sua atenção para as brincadeiras das crianças, pois é dessa forma que se percebe o seu desenvolvimento, as preocupações e também se planejam as intervenções. Por isso, segundo Kishimoto (2001, p. 9) “é preciso que a atividade simbólica, responsável pelas representações construídas nas brincadeiras e atividades, seja experimentada para que a criança possa construir sua linguagem”.

Dessa forma, se faz necessário que os(as) professores(as) possam compreender as expressões da criança, a sua linguagem em um sentido amplo: corporal, verbal e escrita/iconográfica. Ações e reações a determinadas situações em momentos de jogos, brincadeiras, convívio e relações com pares. Em suma, ouvir a criança é necessário e fundamental para o exercício da educação tanto por parte dos pais e mães quanto de professores e professoras.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças e infâncias e a sociologia da infância. *In*: FARIA, A. L. G.; FINCO, D. **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 17-36.
- ABRÃO, R. K.; BEIERSDORF, D. S.; ABRANTES, D. R. A constituição da infância permeada pelo contexto social, mídia e brinquedo. **Zero-a-seis**, [S. l.], v. 17, n. 31, p. 79-90, 2015.
- ANDRÉ, M. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de casos. *In*: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ARENHART, D. Geração e classe social na análise de culturas infantis: marcas de alteridade e desigualdade. **Zero-a-seis**, [S. l.], v. 17, n. 32, p. 193-209, 2015.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- AZEVEDO, N. C. S.; SOUZA, T. P. “Brincar é coisa séria!” - As contribuições Da Sociologia da Infância para a Compreensão da Brincadeira na Educação Infantil. **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 31-39, 2017.
- AZEVEDO, N. C. S.; LIMA, J. M. de. Culturas Lúdicas Infantis na Escola: entre a proibição e a criação. **Colloquium humanarum**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 21-31, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BOLGENHAGEN, S. K.; FERREIRA, M. Os usos sociais dos livros no dia a dia do Jardim de Infância. **Zero-a-seis**, [S. l.], v. 18, n. 33, 2016.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CECHIN, M. B. C.; SILVA, T. Princesas em discurso: as bonecas personagens da Disney na visão das crianças. **Reflexão e ação**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 250-268, 2015.
- CINTRA, R. C. G. G. Educação Infantil: a criança como sujeito de direito, – vamos dialogar sobre isso? *In*: CARVALHO, J. N. M. *et al.* (org.) **A sociologia da infância [recurso eletrônico]: possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância (s)**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2022.
- CONSTANTINO, N. S. Pesquisa histórica e análise de conteúdo – Pertinências e possibilidades. **Revista Estudos Ibero-Americanos – PUCRS**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 183-194, 2002.

CORSARO, W. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 26, n. 91, maio/ago. p. 443-464, 2005.

CORSARO, W. **A Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FURLAN, S. A.; WATANABE, D.; ALVES, N. F.; LIMA, J. M. A valorização das culturas infantis através das brincadeiras imaginativas. **Colloquium Humanarum**, [S. l.], v. 13, n. 4, p. 11–15, 2017. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1838>. Acesso em: 21 jan. 2024.

FURLAN, S. A.; LIMA, J. M.; LIMA, M. C. Culturas infantis: a reiteração e as concepções de tempo na Educação Infantil. **Zero-a-seis**, [S. l.], v. 21, n. 39, 2019, p. 81-98, 2019.

FRANCISCO, D. J.; SILVA, A. P. L. Criança e apropriação tecnológica: um estudo de caso mediado pelo uso de computador e do tablet. **HOLOS**, [S. l.], v. 31, n. 6, p. 277-296, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 56. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KRAMER, S. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (org.). **Infância: fios e desafios da pesquisa**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas nas pesquisas com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 116, p. 41-59, jun. 2002.

KISHIMOTO, T. M. **A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas**. São Paulo, 2001.

HADDAD, L. MAYNART, R. C. A compreensão de relações familiares pelas crianças em situação de brincadeira em contexto de educação infantil. **Zero-a-seis**, [S. l.], v. 19, n. 35, p. 69–81, 2017.

IGLESIAS, T. G.; SILVEIRA, C. Ensino de ciências e educação infantil: um estudo pautado na reprodução interpretativa e cultura da infância. **ACTIO**, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 572-593, set./dez. 2019.

LÈVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIRA, P. P. B.; PEDROSA, M. I. Processos de significação sobre família em brincadeiras de crianças em acolhimento institucional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 32, n. 3, 2016.

- MACHADO, D. P. (org.). **Educação em Tempos de COVID – 19**: reflexões e narrativas de pais e professores. Curitiba: Editora Dialética e Realidade, 2020.
- MAIA, M. M. M.; AHLERT, M. “Onde fica a casa do meu amigo”. **Anuário antropológico**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 87-109, 2018.
- MARQUES, A. C. T. L. MARANDINO, M. Alfabetização científica e criança: análise de potencialidades de uma brinquedoteca. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, [S. l.], v. 21, 2019.
- MIZUSAKI, R. A. C.; GOMES, C. F. Infâncias, culturas infantis e as mídias: entre cenas constituintes de si. **Educa (Porto Velho)**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 192-205, 2019.
- MOTTA, F.; DE PAULA, C. Questões raciais para crianças: resistência e denúncia do não dito. **Educação e realidade**, [S. l.], v. 44, n. 2, 2019.
- NEVES, V. F. A.; MUNFORD, D.; COUTINHO, F. Â.; SOUTO, K. C. N. Infância e Escolarização: a inserção das crianças no ensino fundamental. **Educação e realidade**, [S. l.], v. 42, n. 1, p. 345-369, 2017.
- NOGUEIRA, G. M.; PERES, E. T. “Estratégias, negociações e disputas em uma situação de brincadeira na educação infantil. **Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2017.
- NOVAKOWSKI, L.; COSTA, M. V.; MARCELLO, F. A. Representações de feminino e masculino em pesquisa com crianças. **Zero-a-seis**, [S. l.], v. 18, n. 34, p. 235-248, 2016.
- OROFINO, M. I. O ponto de vista da criança no debate sobre comunicação e consumo. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ninez y Juventud**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2015.
- PIMENTA, S G. Professor Pesquisador: mitos e possibilidades. **Contrapontos**, v. 5, n. 1, p. 09-22, Itajaí, SC, jan./abr. 2005.
- QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, 2010.
- QVORTRUP, J. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 22, n. 1, p. 199-211, jan./abr. 2011.
- RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record; Atalaya. Mestres da Literatura Contemporânea, 1995.
- ROJO, R. H. R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 6, n.19, p. 37-50, set./dez. 2006.
- ROSEMBERG, F.; FREITAS, R. Participação de crianças brasileiras na força de trabalho e educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, p. 95-125, 2002.

ROSEMBERG, F. Criança pequena e desigualdade social no Brasil. In: FREITAS, M. C. (org.). **Diversidade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

ROSEMBERG, F.; ANDRADE, M. Infância na mídia brasileira e ideologia. In: JACÓ-VILELA, A. M.; SATO, L. (org.). **Diálogos em Psicologia Social**. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

ROSEMBERG, F.; MARIANO, C. L. S. A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 40, n. 141, p. 693-728, dez. 2010.

SAMPAIO, I. S. V.; CAVALCANTE, A. P. P.; MÁXIMO, T. M. Curadoria de pares no compartilhamento online de fotos por crianças. **Revista Cocar**, [S. l.], p. 109-130, 2019.

SANTIAGO, F. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 129-153, 2015.

SANTOS, P. S.; SILVA, A. A cidade dos adultos ocupada pelas crianças: a ressignificação infantil dos espaços urbanos a partir de Catingueira – Paraíba. **Política & Trabalho**, [S. l.], 2015.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 17-39.

SEIXAS, R.; ROBERTO, C. **Sapato 36**. 1977. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/79238/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SILVA, M. F. S.; ANDRADE, A. P.; TORRES, M. F. P.; AMORIM, G. C. C. As brincadeiras das crianças de ontem e de hoje no contexto sociocultural. **HOLOS**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 62-74, 2017.

SILVA, P.; SILVA, T.; FINCO, D. Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 58, e205815, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202000580015>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SILVEIRA BARBOSA, M. C.; GOBBATO, C.; BOITO, C. As brincadeiras e as interações nos livros didáticos para educação infantil. **Acta Scientiarum. Education**, [S. l.], v. 40, n. 2, p. e31474, 16 abr. 2018.

SOARES, M. B. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 25, jan./fev./mar./abr. 2004.

SOUSA, E. As crianças e as linhas de transmissão em São Luís: perspectivas metodológicas de uma pesquisa sobre representações infantis. **Mediações**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 307-335, 2019.

SOUZA, A. P. V.; OLIVEIRA, F. P.; ALVES, A. N. S. Discurso de crianças em situação de vulnerabilidade social entre escola, lixão e trabalho infantil. **Nova Revista Amazônica**, [S. l.], v. 6, n. 3, 2018.

SOUZA, J. S.; SANTOS, C. F.; SANTOS, I. A. Culturas Infantis, Cultura Digital e Consumo: Perspectivas atuais. **Revista Práxis**, [S. l.], v. 1, p. 170–193, 2024.

VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (org.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.

VASCONCELOS, M. F. F.; MELO, M. R.; OLIVEIRA, R. T. M. Imagens, narrativas, culturas infantis em “Abril despedaçado”: tateando um modo de olhar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 67-76, 2017.

VEIGA, R.; FERREIRA, M. Entre as práticas pedagógicas e as culturas infantis: contributo para a compreensão da participação das crianças num jardim de infância. **Cadernos de Estudos Sociais**, [S. l.], n. 32, v. 2, jul./dez. 2017.

WATANABE, D.; MOREIRA, T. A.; LIMA, J. M.; LIMA, M. R. C. A Interatividade como fomentadora da ludicidade: em busca de caminhos e sentidos na Educação Infantil. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, SP, v. 13, n. 3, p.18-27, 2016.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa, como pesquisa bibliográfica não há necessidade de passar por comitê de ética.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso.

Contribuições dos autores: Único Autor.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

